

**CANAIS EM MEIO ÀS ZONAS  
PARANOIDES DO INTOLERÁVEL  
FICÇÃO POLÍTICA**



**Flávia Lemos  
Dolores Galindo  
Jorge W. Agudelo**

Imagem | Jorge Agudelo

Polichinello

Face às máquinas paranoicas do capitalismo mundial integrado, algumas superfícies possibilitam o deslizar necessário para adquirir forças e alargar os vetores de invenção, em tempos sombrios, quando parecemos sufocar, face aos muitos e tantos intoleráveis que se tornam propagadores de subjetividades, marcadas pelo medo do terror, em campos de concentração a céu aberto, em construções arquitetônicas que mapeiam e fixam deslocamentos.

Essas máquinas cortam e produzem zonas delimitadas por fronteiras móveis o bastante para continuar a existir e a colocar em cena um panoptismo intenso e desesperado. Visível na pintura feita nas casas marcadas para demolição dos colombianos expulsos da Venezuela, nas casas de custódia em que se transformaram vários equipamentos para receber imigrantes, no Brasil, a exemplo das igrejas com hora para entrar e hora para sair, na panaceia de legislações provisórias que tornam recém-democracias, como a brasileira, frágeis em sua continuidade e brutais, quando o assunto é punir atos parresíastas.

O ensaio que segue foi escrito nas conexões afetivo-políticas entre Medellín e Brasil, mapeadas pelos algoritmos de controle das redes de comunicação, à guisa de um canal que se sabe vigiado e ainda assim persiste, dando espaço para que ratos e ratas o percorram e o alarguem e o estreitem e o destruam, para que nas noites esquecidas pela vigilância imediata alguém possa deslizar com um *skate* e uma câmera pelas ruas. É numa parresía prazerosa que nos movemos e, para isso, somos menos que um indivíduo, interrogamos os mundos pequenos que nos enclausuram, ao modo de esferas, rastreamos zonas de indefiníveis nas linhas de fuga e indagamos se é possível jogar com a paranoia nas linhas de combate, ainda que seja ela nossa doença.

As Zonas são repletas de armadilhas. *Stalkers*, machos/fêmeas/trans – bio/organo/artificiais, conseguem percorrê-las, guiando corpos, mediante pagamento ou mediante um pouco de ar ante o sufoco da má consciência. De acordo com boatos, no interior de cada Zona há quartos capazes de realizar os desejos mais íntimos de qualquer um que nele consiga entrar, após a ultrapassagem de todas as armadilhas. *Stalker*, em russo: Сталкер, talvez mais pertinente que inglês, língua na qual ingressou como infrator (delinquentes das redes) e doente mental (desviante com características patológicas discerníveis).

Como não sabemos russo, as letras formam uma criptografia que não abrimos, pelo menos, não estas aqui que escrevem.

A vertigem da individuação nos subjetiva ao modo do encarceramento, corpo que se fecha sobre si. Os amigos e as amigas se encolhem, ou se encontram a céu aberto, formando matilhas nos grandes centros. Cachorros domesticados em tocas, vez ou outra uivam, quando se transformam em criaturas novas, numa mutação que os torna menos que um; mais que várias.

Já que os espaços se delimitam e recortam em zonas, nem sempre é necessário rompê-las, mesmo quando buscamos respirar, o que ainda é preciso. Há atravessadores nas zonas que levam de um limiar a outro, fluxos-*stalkers* que convocam a escapar do encerro paranoide que pergunta: quem é você? Deixo entrar, se mostrar uma senha...

Diz-se de quem ouve vozes que põe a manifesto a obsessão paranoica. Vozes outras que seriam processos históricos falando em tempos com durações múltiplas e nos limiares indiscerníveis da cronologia dos desenhos de perseguição ressentida, ali quando se dá o acontecimento.

O urbanismo das cidades projetadas é feito de esquemas paranoicos do terror e de extremismos projetados no que se estranha. As paranoias jogam o jogo da fixação, mais do que a ela se limitam. Procurem os paranoicos!? Eles não responderão.

Ao que parece, mesmo quando resistimos nas grandes cidades, traçamos zonas, forjam-se armas com a arte e escrever por fraturas campos de resistências, destruindo as evidências com as marteladas das teclas e das passagens entremeios! E as cidades se contaminam das marcas de passagens, de encontros que ninguém sabe ao certo quando vão acontecer, até que se efetuam projetos empresariados. Antenas paranoides, buscamos o acontecimento, de alguma maneira exasperados por sentir, sentir... sentir aquilo que nem sabemos, mas que estamos à espreita, espreita que é paranoica, não raras vezes.

Corpos encerrados nos pequenos mundos, em meios aos êxtases paranoicos? Extrair deles corpos vibráteis? Talvez, mas de outra ordem, em fluxos paralelos com o esquizo, numa contramaquinaria paranoide.

Fundemos outras maneiras de situar nossa paranoia, ao custo de nos tornarmos reféns do medo daquilo que devirmos. As zonas servem para cartografar, definir territórios, e já se vai compondo uma tática para fazer percurso e compor planos de existência.

Algumas vezes acontece das zonas que percorremos serem como carapaças de insetos, com gente dentro e insetos em metamorfose. E se ouve a coisa quebrando, daí se traçam conexões – canais. Ora, as resistências se espriam, na mesma agilidade e ondulação desses controles de sobrevivência. Ética e política adquirem materialidade, quando tudo parecia paralisado ou numa mobilidade inerte. Pequenos feixes de forças, heterogêneas e múltiplas, se encontram com outros pequenos feixes e explodem territórios petrificados, estriados por linhas duras.

Ao não escamotearmos o jogo paranoide próprio do contemporâneo, a invenção emerge quando tudo parecia novamente impossível. Ganhamos ar, ainda que sôfrego. Um gozo perro, gozo de cadela.

Há caminhos para transformar a paranoia em tática de guerrilha? A paranoia é muito desagradável. Deleuze e Guattari, por exemplo, tinham alguma ojeriza pelo paranoico, por vê-lo como fixação.

É possível imaginar a paranoia como uma arma contra si? Talvez, se pensarmos numa ontologia histórica das existências. Fantasmas com tons de densidade e ressonâncias.

Há algo mais paranoico que a nossa ânsia de cartografar, quando esta se confunde com mapeamento? Cálculos e cálculos do que ocorre nas redes sociais, para mostrar o que poderia ser jogado, ao invés de evidenciado. O jogo milimétrico para que hologramas se manifestem na Espanha, burlando a legislação que proibia a manifestação pública, conhecida como lei das mordanças.

Hospedar a paranoia e deixar-se deslizar na parresía prazerosa que acontece por estar nas ruas, perdidos na paisagem. Não tema a paranoia! Não tema...

Uma maneira de fazer emergir fantasmas é lançar-se na ficção política por técnicas precisas de mapeamento e projeção, incorporando o olhar paranoico como um hospedeiro que não se livra da praga que carrega. Entrar e sair das zonas marcadas pela segregação com o corpo carregado de afetos, mesmo quando os corpos expulsos dos que ali viveram já não estão ali. Fica no corpo a memória encarnada da violência.

Quais corpos mover, quando vivemos em paranoia e criptografia? Como mover e afetar corpos, nas fronteiras de controle que são parte mesma do exercício de segregação espacial e dos nossos modos de subjetivação?

Nos consultórios, alguns sujeitos com a paranoia exponenciada são recusados por analistas; dizem estes: “apenas atendemos quem faz vínculos positivos”. Guerrilha na clínica como política: “aceita uma aliança?”, diz o paranoico. Apenas “vínculos e segurança”, responde o analista, na impossibilidade de ser cínico o suficiente para perder a vergonha do devir paranoico.

Talvez, tomar a paranoia como tática de guerrilha seja um posfácio para vidas não fascistas, hoje. Devires paranoicos de fixação, gestos repetitivos para apagar vestígios – isso é bem mais que imobilidade. A ver se funciona tal ficção política nos embates de fronteiras que perfilam corpos, bordas, memórias.

\* Fotografia, Jorge Agudelo. Medellín, 2015.

Dolores Galindo é professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea e do Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Mato Grosso. Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório Tecnologias, Ciências e Criação.

Flávia Lemos é professora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Educação, bem como do Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Pará. Líder do Grupo de Pesquisa Transversalizando. Bolsista Produtividade, CNPq.

Jorge W. Agudelo é engenheiro de Sistemas. Mestre em Comunicação e Cultura, Universidade Javeriana de Bogotá. Membro criador do Coletivo Antena Mutante onde atua como pesquisador independente. <http://www.antenamutante.net>